

UMA ANÁLISE SOBRE OS USOS DO CONCEITO DE MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA

AN ANALYSIS ON THE USES OF THE MEMORY CONCEPT IN BRAZILIAN INFORMATION SCIENCE

Ana Wanessa Barroso Bastos¹

0000-0002-0337-9795

Jefferson Veras Nunes²

0000-0003-4684-0489

RESUMO

Tem como objetivo identificar os autores mais recorrentes nas citações sobre memória e suas abordagens em pesquisas relacionadas ao tema no campo da Ciência da Informação. Nesse sentido, por meio de levantamento bibliográfico, analisaram-se as citações dos artigos publicados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) entre 2017 e 2021, no sentido de identificar as abordagens mais adotadas na área no que diz respeito ao estudo sobre memória, destacando-se uma perspectiva informacional, histórica e cultural, quanto maiormente social. A partir disso, abordou-se a natureza interdisciplinar na forma como o conceito é entendido, o que propiciou o surgimento de novos paradigmas na área. A quantidade de artigos sobre memória cresceu nos últimos cinco anos quando se leva em conta o mesmo período anterior ao analisado, ratificando a frequência crescente da temática, contribuindo para o avanço de discussões teórico-conceituais no domínio da Ciência da Informação no Brasil, bem como no que concerne às práticas profissionais.

Palavras-Chave: Ciência da Informação no Brasil. Memória. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Its aim is to identify the most recurrent authors in citations on memory and their approaches in research related to the topic in the field of Information Science. In this sense, through a bibliographic survey, the citations of articles published in the Reference Database of Journal Articles in Information Science (BRAPCI) between 2017 and 2021 were analyzed, in order to identify the approaches most adopted in the area with regard to the study of memory, highlighting an informational, historical and cultural perspective, as well as a social one. From this, the interdisciplinary nature of the way the concept is understood was addressed, which led to the emergence of new paradigms in the area. The number of articles on memory has grown in the last five years when taking into account the same period prior to the one analyzed, confirming the growing frequency of the theme, contributing to the advancement of theoretical-

Artigo submetido em 31/08/2023 e aceito para publicação em 20/12/2023.

¹ Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), E-mail: anawanessabb@gmail.com.

² Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), E-mail: jefferson.veras@ufc.br.

conceptual discussions in the field of Information Science in Brazil, as well as with regard to professional practices.

Keywords: *Information Science in Brazil. Memory. Interdisciplinarity.*

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é correntemente identificada como uma disciplina que surge no pós-guerra, cujas preocupações estavam voltadas à informação em ciência e tecnologia. Ressalte-se que, em meados do século XX, mais precisamente entre 1920 e 1930, pesquisadores já adotavam a informação como objeto de estudo em suas distintas áreas de atuação, tais como químicos, físicos, engenheiros e outros que se dedicaram à tarefa de elaborar índices, resumos ou mesmo desenvolver canais de disseminação com o intuito de facilitar e agilizar o trabalho de seus pares (Araújo, 2014). De modo geral, esses profissionais realizavam serviços informacionais visando atender demandas de suas respectivas áreas de formação.

A Ciência da Informação começou a dar sinais de seu aparecimento nos anos 1950, porém a sua consolidação, enquanto campo do conhecimento, ocorreu uma década depois, a partir dos anos 1960, quando Harold Borko (1968) cunhou a definição embrionária desta ciência, caracterizando-a como uma área interdisciplinar. Tal característica, assentada desde a gênese da CI, fez-se importante para estender as possibilidades de aproximação com outros campos do conhecimento, em que é possível perceber o deslocamento de conceitos de diferentes campos de modo a torná-los relevantes e aplicáveis ao estudo da informação.

Dentre as diversas temáticas abordadas no âmbito da Ciência da Informação, destacou-se, no presente artigo, a questão da memória, que tem se expandido em variados panoramas nas últimas duas décadas suscitando importantes discussões epistemológicas e práticas (Oliveira; Rodrigues, 2011; Silva; Cavalcante; Nunes, 2018). Tema presente na raiz da CI, a memória tem permitido perspectivas interdisciplinares a partir de sua problematização e de contribuições oriundas de áreas nas quais é objeto de estudo, tais como História, Sociologia, Psicologia, Educação e outras (Pinheiro, 2005).

Assim, o presente estudo ambicionou verificar enfoques do conceito de memória identificando a presença de autores de outras áreas nos quadros epistemológicos da CI. À vista disso, teve-se como objetivo evidenciar aqueles autores

mais citados na produção científica da Ciência da Informação brasileira ao tratar sobre o tema, estabelecendo como recorte temporal o período de 2017 a 2021. Para isso, analisaram-se as citações nos periódicos indexados na Base Referencial de Artigos de Periódicos da Ciência da Informação (BRAPCI). O recorte abrange aproximadamente 51% dos estudos contemplados sobre a temática na área, dentre o *corpus* de textos que se encontram indexados na base de dados mencionada.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BREVEMENTE REVISITADA

A ideia de uma “Ciência da Informação” teve suas raízes disciplinares assentadas nas áreas da Biblioteconomia, Bibliografia e Documentação, que se caracterizavam como disciplinas relacionadas aos acervos, às instituições e aos procedimentos técnicos de tratamento dos recursos informacionais presentes nessas instituições (Araújo, 2014). A Ciência da Informação surgiu na segunda metade do século XX impulsionada por questões relacionadas à Recuperação da Informação e à Teoria da Informação, o que a caracterizou, inicialmente, como uma disciplina voltada para a informação científica e tecnológica (Saracevic, 1996).

Um fenômeno importante que contribuiu para o nascimento e posterior institucionalização da CI, conforme é destacado por Araújo (2014), diz respeito à atuação de pesquisadores que desempenharam, ao longo das décadas de 1920 a 1940 (primeiro, na Inglaterra; e, depois, nos Estados Unidos), a tarefa de prover serviços voltados à coleta, organização e disseminação de informações em suas respectivas áreas de atuação – os chamados *science services*. Oriundos de diversas disciplinas, como química, física e engenharia, esses primeiros cientistas da informação proveram serviços com a finalidade de atender às necessidades de informação de seus pares.

A consolidação da CI, enquanto disciplina científica, aconteceu na década de 1960, tendo como um dos marcos institucionais a mudança do nome do *American Documentation Institute*, fundado em 1937, para o *American Society for Information Science*, em 1968 (atualmente, denominada como *Association for Information Science & Technology*), que veio a ser a primeira instituição de Ciência da Informação do mundo. Essa mudança de nomenclatura incentivou os cientistas a concentrarem esforços na definição do campo e na proposição de práticas para enfrentar os desafios da sociedade daquela época.

Em 1968, Harold Borko publicou o artigo "Information science: what is it?", responsável por apresentar uma das primeiras e mais reconhecidas definições da área. Nele, percebem-se as nuances de sua concepção, como uma ciência interdisciplinar voltada para o tratamento da informação, abrangendo aspectos como organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Tal abordagem é dotada de um viés comunicativo e está preocupada com a efetividade de processos como o fluxo, acessibilidade e uso da informação. Ademais, a Ciência da Informação está intrinsecamente ligada à resolução de problemas de informação na comunidade científica (Borko, 1968).

Seguindo essa mesma linha de construção teórica do campo da Ciência da Informação, Saracevic (1996, p. 41) define a CI como "um domínio que abrange tanto a pesquisa científica quanto a prática profissional, justamente pelos problemas propostos e pelos métodos empregados para resolvê-los". Para o autor, a Recuperação da Informação desempenhou um papel fundamental na formação da CI, fornecendo a base epistemológica para a definição dos primeiros problemas de pesquisa do campo.

Referenciada por alguns autores como o núcleo da Ciência da Informação, a Recuperação da Informação protagonizou algumas visões teóricas da área, Hjørland (2015) aponta duas delas: a teoria da informação, ou teoria matemática da informação originalmente proposta pelo matemático e engenheiro Claude Shannon, em 1948, considerada responsável pela fundação do campo da CI, e a teoria cognitiva, ou teoria computacional da mente, que, na CI, emergiu nos anos de 1970 associada ao campo da Ciência da Computação, destacando-se nos estudos da cibernética, e, em especial, na Inteligência Artificial.

A teoria da informação de Shannon (1948) é uma teoria matemática sobre as questões tecnológicas envolvidas sempre que os dados são transmitidos, armazenados ou recuperados (Hjørland, 2015). Originou-se no contexto do pós-guerra, em um cenário de proliferação das tecnologias de transferência em informação que visavam constituir sistemas de comunicação eficientes. Nessa conjuntura, Shannon inovou ao construir um referencial teórico voltado para a quantificação da informação que necessitava ser transportada, uma solução para o problema posto na época, a exemplo, a transmissão de mensagens telegráficas. Nele, propõe-se que a

informação seja algo que possa ser transferido por meio de um canal, de um emissor para um receptor, e pode ser mensurada.

Ao enumerar abordagens sobre informação, Capurro (2003, p. 7) define que “[...] há algo, um objeto físico que um emissor transmite a um receptor, mas não denomina esse objeto transferido como informação, mas como mensagem, signos que devem ser reconhecidos pelo receptor sob certas condições ideais”. Essa proposição de uma forma científica serviu de alicerce à Ciência da Informação na definição de seu objeto de estudo, trazendo uma nova concepção de 'informação', como algo que pode ser mensurado (a exemplo *bits*), aponta Hjørland (2015, p. 2). Já no final da década de 1950, “a ‘informação’ parecia científica, moderna e elegante” (Hjørland, 2015, p. 12).

A aplicação da teoria da informação no campo da CI, de forma mais decisiva, ocorreu no campo dos estudos em recuperação da informação, conforme observa Araújo (2009, p. 194). Dentre os conceitos centrais desse campo, destacam-se “os de revocação e precisão, que operam na lógica da probabilidade e da entropia, na busca de um ideal de recuperação que contemple uma quantidade boa de itens (exaustividade) e, ao mesmo tempo, traga itens relevantes (especificidade)”.

Outrossim, a teoria da informação dá à informação uma dimensão física, ou objetiva, quantificável, porém não inclui as dimensões semânticas e pragmáticas, apesar de sinalizar a intenção de incluí-las. Capurro (2003, p. 8) atenta para esta questão e sinaliza que “a teoria de Shannon exclui o papel ativo do sujeito cognoscente, do usuário, no processo de recuperação da informação científica, em particular, bem como em todo processo informativo e comunicativo, em geral”. Esse questionamento conduziu o campo da Ciência da Informação a uma nova teoria, a cognitiva.

As teorias cognitivas também trouxeram contribuições para o avanço epistemológico da Ciência da Informação. “Desenvolvida a partir de um modelo funcionalista, a teoria cognitiva, ou teoria computacional da mente, fundamenta que os processos cognitivos (em humanos, animais e computadores) podem ser descritos como processamento de informações” (Hjørland, 2015, p. 24). Essencialmente, esse é o cerne do ponto de vista cognitivo na CI, conforme afirma Ingwersen (1996, p. 5) “tanto a recepção quanto a geração de informação são atos de processamento de informação. A maneira como esse processamento é realizado depende do modelo de mundo do ator - seja humano ou máquina”.

A fundamentação teórica cognitiva no campo da Ciência da Informação foca na transmissão de informação e na comunicação do conhecimento (Ingwersen, 1996). O teórico Vannevar Bush (1945) destacou-se nos estudos iniciais das ciências cognitivas e na recuperação automatizada da informação por identificar no seu artigo, intitulado *As We May Think* e publicado em 1945, primeiramente os problemas relacionados à explosão informacional, e por propor a criação de um computador analógico chamado de Memex (*Memory Extension*), que previa a possibilidade de armazenar e de recuperar informações, similar ao funcionamento da mente humana.

A inserção da teoria cognitiva na CI, conforme Hjørland (2015, p. 27), deu-se na forma de modelos concebidos por Brookes (1980), Belkin (1984; 1990) e Ingwersen (1982; 1992), vinculados à recuperação da informação em sistemas computacionais. A partir da ideia de que a mente é processadora de informações e de que informação é determinante para a mudança de sua estrutura, os modelos teóricos mentais associam a aquisição do conhecimento a um estado cognitivo anômalo, o qual considera que a busca por informação tem origem numa necessidade de encontrar uma informação faltante, proposição desenvolvida a partir da teoria dos Estados Anômalos do Conhecimento, de Belkin (1980).

Os limites das teorias cognitivas e da teoria da informação nas construções conceituais do objeto de estudo da Ciência da Informação levaram a várias críticas de abordagens concorrentes que buscavam restabelecer o aspecto humano no conceito de informação, o que significa situá-lo em um contexto social e cultural, como indicado por Capurro e Hjørland (2007). Portanto, uma nova proposta epistemológica orientada pela visão sociocognitiva surgiu como alternativa às abordagens anteriores, abrangendo aspectos sociais e culturais relacionados à informação, conhecido como paradigma social.

Um sustentáculo teórico pilar neste movimento foi a abordagem suscitada pelos autores Hjørland e Albrechtsen (1995), sobre a percepção da construção social da realidade:

Na filosofia e na teoria da ciência houve um afastamento de teorias fundamentalistas como empirismo e o racionalismo, argumentando que a ciência é construída de elementos de verdade absoluta oriunda de sentidos (empirismo e positivismo) ou do pensamento (racionalismo). Essa visão positivista e racionalista da ciência tinha uma compreensão nominalista da linguagem como rótulos colocados nos elementos do conhecimento percebido. Nessa visão a linguagem não tem papel contributivo na percepção da realidade, mas limita-se funcionalmente a comunicar conhecimentos já

estabelecidos no indivíduo. Essa visão do conhecimento enfatiza a percepção individual, livre de tradições culturais. É uma filosofia que enfatiza um novo começo, uma visão desapegada das coisas. Essa visão tradicional da epistemologia e da teoria da ciência é hoje substituída por uma tendência mais holística, reconhecendo a importância da linguagem na percepção da realidade, introduzindo assim uma dimensão histórica, cultural e social na teoria do conhecimento e na teoria da ciência (Hjørland; Albrechtsen, 1995, p. 408).

A análise de domínio cunhada por Hjørland e Albrechtsen (1995), a qual concebe a Ciência da Informação como uma das ciências sociais, abriu caminho para um novo entendimento conceitual do objeto de estudo da CI. A informação, enquanto fenômeno, passou a ser compreendida, não mais como uma coisa abstrata e isolada da esfera sociocultural, mas, sim, perpassando pelos fecundos efeitos subjetivos dos vieses cognitivos, como construto social. Compreende-se que a análise de domínio se constituiu como uma possibilidade teórica metodológica na CI ao evidenciar a dimensão histórica, cultural e social da informação, e ao considerar as diferentes comunidades de discurso.

Do ponto de partida dos domínios de conhecimento, disciplinas ou ofícios, pode-se pensar em grupos de trabalho e em ambientes específicos, a exemplo universidade, escola ou empresa. Neles, os discursos ou estruturas sobre informação mudam conforme suas comunidades. Hjørland (2015) aponta a diversificação de abordagens na CI, tais como históricas, construtivistas, filosóficas, etnográficas, dentre outras. Dessarte, há um percurso de possibilidades de integração de teorias e de desenvolvimento interdisciplinar propiciando a ampliação do escopo de atuação da CI. O paradigma social, portanto, firmou-se como mais uma teoria frutífera no campo da Ciência da Informação.

Diante do exposto, é relevante mencionar Hilton Japiassu, conhecido por seus estudos sobre interdisciplinaridade, que contribuiu para as discussões em torno da compreensão desse movimento integrador de conhecimentos na Ciência da Informação. Japiassu (1976, p. 54) afirma que a interdisciplinaridade "reflete sobre a divisão do conhecimento em disciplinas para extrair suas relações de interdependência e conexões recíprocas". O autor destaca a interdisciplinaridade pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas em um projeto específico de pesquisa (Japiassu, 1976).

Para os propósitos desta pesquisa, é relevante mencionar a visão da filósofa portuguesa Olga Pombo, que permite identificar possíveis práticas na Ciência da

Informação, relacionadas ao que a autora descreve, como "práticas de cruzamento interdisciplinar", especificamente nas "práticas de importação" e "práticas de cruzamento" (Pombo, 2008, p. 26). Ambas as práticas fundamentam a gênese interdisciplinar característica da área da CI.

A noção de "práticas de importação" é definida por Pombo (2008, p. 27) como "uma disciplina que faz uma espécie de cooptação do trabalho, das metodologias, das linguagens, das aparelhagens já provadas noutra disciplina", que equivale a uma "interdisciplinaridade centrípeta", conforme designa a autora. Esse tipo de interdisciplinaridade pode ser constatado em algumas importações realizadas pela Ciência da Informação no Brasil, em especial, sobre memória. Há apropriação de conceitos de outras áreas. Isto posto, para embasar essa proposição, recorreu-se às importantes contribuições de Oliveira e Rodrigues (2010; 2011) em suas pesquisas elaboradas sobre o conceito de memória na CI através da análise das teses e dissertações brasileiras na área. Nelas, as autoras legitimam que a CI tanto se apropria de conceitos de memória quanto os reformula, embora esta última ainda não tenha sido trabalhada de forma efetiva (Oliveira; Rodrigues, 2011).

No que concerne às "práticas de cruzamento" assinaladas por Pombo (2008, p. 27), "são práticas relativas a problemas que se originam numa determinada disciplina, e que percorrem por outros domínios, convergindo quanto à necessidade de apoio teórico metodológico de outras áreas". A memória apresenta-se como um assunto que pode ser incluído dentro desta prática de "interdisciplinaridade centrífuga", tendo em vista que mantém diálogo com diferentes áreas do conhecimento, como História, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia, Ciência da Informação, dentre outras que possam cooperar com sua análise.

Assim, pelo motivo de a memória manter laços disciplinares com outros ramos do conhecimento, ela demonstra permanecer aberta para abrigar novas expectativas e propiciar novas possibilidades de diálogos com outras abordagens. No caso específico do conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil, além dos estudos de Oliveira e Rodrigues (2010; 2011) já citados anteriormente, estão sendo levantadas outras valiosas discussões conceituais, como a apresentada por Carmo, Karpinski e Bräscher (2018) no artigo sobre a relação entre o conceito de memória social e da sociocognição no contexto da Organização do Conhecimento, em que os autores discorrem sobre as confluências entre a memória e a sociocognição, bem como as contribuições dessa convergência na Organização do Conhecimento. Outro

importante debate é o apresentado por Vieira e Karpinski (2019) no artigo que aborda o conceito de memória nos trabalhos publicados nos anais do capítulo ISKO – Brasil sob uma perspectiva epistemológica. Para além da discussão conceitual acerca da memória, os autores apontam pesquisas que se desenvolvem a partir das formas adjetivadas do conceito de memória.

Com base no exposto, evidenciou-se que o tema da memória desperta o interesse da Ciência da Informação, levando-a a adotar uma abordagem interdisciplinar a partir de pontos de convergência teórica e prática. Assim, é importante destacar que a interação entre memória e o objeto específico da CI, a informação, amplia e fortalece as teorias do campo, além de permitir o surgimento de novos paradigmas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na elaboração deste trabalho utilizou-se, enquanto estratégia metodológica, a pesquisa de natureza exploratória, que envolve levantamento bibliográfico, para análise do corpus documental da pesquisa. O tipo de amostragem foi intencional, uma vez que envolveu a maior participação do pesquisador na escolha dos elementos da comunidade científica que compuseram a amostra. Nesse sentido, deve-se ter pleno ou grande conhecimento da área para, ao escolher deliberadamente os elementos da amostra, poder decidir os que consideram mais representativos (Costa Neto, 1977).

Com o objetivo de identificar e apresentar os autores mais citados em artigos de periódicos da Ciência da Informação, realizou-se um levantamento na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). A referida base é produto de um projeto de pesquisa da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que mantém o propósito de democratizar o acesso à publicação científica da área desde o ano de 1972. Atualmente, disponibiliza referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de CI. Dos periódicos disponíveis, quarenta estão ativos e dezessete históricos (descontinuados).

Primeiramente, fez-se uma busca recorrendo ao descritor “memória”, sem refinar campos na BRAPCI, que recuperou 1.601 artigos. Com a delimitação do período de 2017 a 2021, o número de artigos foi reduzido a 817, correspondendo a aproximadamente 51% do número de artigos indexados no sistema, cujos títulos dos

periódicos responsáveis pela publicação são apresentados no quadro I, ordenados de acordo com a quantidade de artigos.

Quadro I - Periódicos que publicaram os artigos

Título do Periódico	Número de Artigos
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação	139
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	35
Ágora	30
Em Questão	27
Informação & Informação	26
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	26
Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias	24
Revista Fontes Documentais	23
Memória e Informação	22
Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)	18
Acervo - Revista do Arquivo Nacional	18
Archeion Online	16
Revista Folha de Rosto	16
Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)	16
Perspectivas em Ciência da Informação	16
Ciência da Informação	15
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	15
Informação & Sociedade: Estudos	14
Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde	13
Biblionline	13
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	13
Informação@Profissões	12
Convergência em Ciência da Informação	12
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	11
Informação em Pauta	11

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	11
Liinc em revista	11
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	10
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	9
Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação	9
Ponto de Acesso	9
Informação Arquivística	8
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	8
Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	8
Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba)	8
Revista Conhecimento em Ação	8
Ciência da Informação em Revista	8
Revista Informação na Sociedade Contemporânea	8
Ciencias de la Información (Cuba)	7
BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	7
Prisma.com (Portugal)	6
Revista Cajueiro	6
Logeion: Filosofia da Informação	6
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	6
Bibliocanto	5
e-Ciencias de la Información (Costa Rica)	5
Brazilian Journal of Information Science	5
CAJUR - Caderno de Informações Jurídicas	4
Revista Eletrônica da ABDF	4
Seminário Nacional de Gestão da Informação e do Conhecimento	4
Scire: Representación y Organización del Conocimiento	4
Congresso de Gestão Estratégica da Informação, Empreendedorismo e Inovação	4
Cadernos BAD (Portugal)	4
Informação & Tecnologia	3
Palabra Clave (Argentina)	3

Revista Bibliomar	3
Biblioteca Escolar em Revista	3
Comunicação & Informação	3
Inclusão Social	3
Revista P2P e INOVAÇÃO	3
Senac.DOC: Revista de Informação e Conhecimento	3
AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento	2
Ensaio Geral	2
Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas (México)	2
Revista Analisando em Ciência da Informação	2
Biblios (Peru)	2
Ibersid: Revista de Sistemas de Información y Documentación	2
Asklepion: Informação em Saúde	2
Hipertext.net (Espanha)	1
Bibliotecas Universitárias: Pesquisas, Experiências e Perspectivas	1
Revista Brasileira de Preservação Digital	1
Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud (Cuba)	1
Biblioteca Universitária	1
Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura	1
Total	817

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Foram 74 periódicos recuperados, sendo catorze estrangeiros: Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal); Revista Interamericana de Bibliotecología (Colômbia); Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba); Ciencias de la Información (Cuba); Prisma.com (Portugal); e-Ciencias de la Información (Costa Rica); Scire: Representación y Organización del Conocimiento (Espanha); Cadernos BAD (Portugal); Palavra Clave (Argentina); Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas (México); Biblios (Peru); Ibersid: Revista de Sistemas de Información y Documentación; Hipertext.net (Espanha); Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud (Cuba).

Já dentre os outros sessenta periódicos nacionais, destacam-se dez títulos com o mínimo de dezoito artigos publicados, são eles: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação; Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação; *Ágora*; *Em Questão*; *Informação & Informação*; *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*; *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias*; *Revista Fontes Documentais*; *Memória e Informação*; *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*. Tendo o maior número de publicações os seguintes veículos: *anais do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação*, com 139 artigos, *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, com 35, e *Ágora*, com 30.

Para a realização da presente pesquisa, selecionou-se uma amostra de 201 artigos, do universo de 817 (Quadro I) recuperados na BRAPCI, o que representou cerca de 25% do total indexado na base. Esta amostra corresponde ao número total de artigos publicados (autoria única e/ou coautoria), no Brasil, pelos 21 autores mais produtivos no tema memória na CI, que publicaram no mínimo sete artigos durante o intervalo de 2017 a 2021. Conforme quadro apresentado abaixo.

Quadro II - Autores mais produtivos no tema memória (2017-2021) e número de ocorrências

Nome do Autor	Ocorrências	Como único autor	Coautoria
LIMA, Izabel de França.	18	0	18
OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire.	16	1	15
MORIGI, Valdir José.	15	0	15
ROSA, Maria Nilza Barbosa.	12	0	12
KARPINSKI, Cezar.	12	1	11
FEITOZA, Rayan Aramís de Brito.	12	0	12
DUARTE, Emeide Nóbrega.	10	0	10
MASSONI, Luis Fernando Herbert.	9	1	8
ELLIOTT, Ariluci Goes.	9	1	8
SANTOS, Juliana Cardoso dos.	8	0	8
LOUREIRO, José Mauro Matheus.	8	0	8
FROTA, Maria Guiomar da Cunha.	8	3	5

DODEBEI, Vera Lucia.	8	1	7
UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha.	7	0	7
ORRICO, Evelyn Goyannes Dill.	7	0	7
MOLINA, Letícia Gorri.	7	0	7
MIGUEL, Marcelo Calderari	7	0	7
DAMIAN, Ieda Pelógia Martins.	7	1	6
CRIPPA, Giulias.	7	5	2
COSTA, Maurício José Morais.	7	0	7
AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier.	7	0	7
Outros (1138)	1544	-	-
Total (1159)	1745	-	-

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Saliente-se que, dos 201 artigos selecionados, 53 têm a autoria compartilhada entre dois ou mais autores da lista acima, aparecendo, portanto, mais de uma vez. Dito isto, após leitura exploratória da estrutura (objetivos, métodos e abordagens teóricas) dos 148 artigos, constatou-se que, destes, 34 não apresentavam conceitos ou discussões sobre memória, sinalizando somente a ocorrência do descritor em algum fragmento do escrito.

Assim, o excedente das publicações, que equivale a um total de 114 títulos, foi relido com o intuito de aferir as citações associadas ao termo “memória” e, por conseguinte, extrair nomes dos autores citados. Optou-se, então, pelas citações que apresentavam o conceito de memória e também pelas que Oliveira (2010) aponta como elemento propiciador da construção conceitual de memória, como informação e documento — e outros a eles associados, a exemplo: instituição, biblioteca, cultura e história, contemplando-se, conjuntamente, elementos recorrentes em estudos sobre memória em outras áreas do conhecimento, tais como: esquecimento, lembrar, recordar, tempo e espaço (Oliveira, 2010, p. 107).

Posteriormente à identificação das citações, buscou-se perscrutar, por meio das referências inseridas ao final do artigo, a obra direcionada aos estudos relacionados à memória, de onde foram retiradas as ideias centrais da autoria no que concerne ao tema. Os nomes dos pesquisadores foram listados em um quadro a fim

de dispor a visualização de sua ocorrência nas publicações. Tomou-se em conta os autores que têm responsabilidade individual ou compartilhada por artigo.

Nessa etapa, a pesquisa prosseguiu com o mesmo método de quantificação de autores adotado anteriormente, sendo, nesse caso, os 25 mais citados pelos autores do quadro II. Vale assinalar que a necessidade de elaborar dois quadros distintos se deu para elucidar que há uma diferença de abordagem nos estudos sobre memória no contexto das publicações selecionadas. Dessa forma, no quadro II, consta assinalada que a maioria dos autores não lida necessariamente com conceito de memória no trabalho recuperado, porém abrange temas relacionados ou similares, sendo, portanto, de mesma importância para a temática. Já no quadro III, os autores podem ser considerados como principais referências no campo onde a maior parte trabalha diretamente os conceitos de memória ou assuntos associados.

Depois de realizados os procedimentos anteriormente mencionados, chegou-se à listagem apresentada no quadro III, a qual contou com 991 itens, correspondendo ao número de vezes em que o autor foi encontrado em citações. Esta identifica os principais autores citados nas produções científicas dos 21 autores mais produtivos no tema memória em Ciência da Informação no Brasil, nos marcos temporais pesquisados. Segue abaixo o quadro ordenado conforme a quantidade total de ocorrências nos artigos.

Quadro III - Autores mais citados e número de ocorrências

Nome do Autor	Ocorrências	Como único autor	Coautoria
HALBWACHS, Maurice.	53	130	-
LE GOFF, Jacques.	49	113	-
NORA, Pierre.	39	96	-
ASSMANN, Aleida.	28	61	-
AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier.	28	36	21
POLLAK, Michael.	26	67	-
THIESEN, Icléia.	24	62	-
DODEBEI, Vera.	23	37	12
GONDAR, Jô.	18	50	-
RICOEUR, Paul.	16	38	-

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim.	14	11	27
MOLINA, Letícia Gorri.	10	7	14
WALSH, James P.	11	-	10
UNGSON, Gerardo Rivera.	11	-	10
CANDAU, Joel.	11	32	-
OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de.	11	8	14
OLIVEIRA, Eliane Braga.	10	10	9
RODRIGUES, Georgete Medleg.	9	-	9
BERGSON, Henri.	9	29	-
JARDIM, José Maria.	8	14	-
BOSI, Ecléa.	8	13	-
VITORIANO, Márcia Cristina de Carvalho Pazin.	8	6	4
MORO-CABERO, María-Manuela.	7	-	13
SANTOS, Juliana Cardoso dos.	7	5	6
IZQUIERDO, Iván.	6	16	-
Outros oito (citados quatro vezes)	-	-	-
Outros dezenove (citados três vezes)	-	-	-
Outros quarenta (citados duas vezes)	-	-	-
Outros 53 (citados uma vez)	-	-	-
Total (145)	-	-	-

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

A segunda coluna apresenta o número de artigos em que o autor foi mencionado, enquanto a terceira informa quantas vezes o autor foi o único na citação, e a última indica quantas vezes o autor foi apontado com a autoria compartilhada. Dessa forma, foi possível identificar as principais ideias ligadas à memória a partir do olhar dos autores mais citados, apresentando-os detalhadamente, com o intuito de expor a abordagem adotada e seu uso na Ciência da Informação brasileira.

Com o intuito de averiguar a ocorrência do termo memória no recorte cronológico contemplado pela pesquisa (2017/2021), realizou-se uma busca a partir da qual o sistema disponibilizou o número de artigos publicados por ano. O resultado dessa consulta aparece abaixo, no quadro IV.

Quadro IV - Número de artigos indexados na BRAPCI com o termo memória, por ano de publicação

Ano	Número de Publicações
2017	148
2018	192
2019	175
2020	171
2021	131
Total (5)	817

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Pelos dados apresentados, percebeu-se um aumento no número de artigos publicados sobre memória nos anos 2018 e 2019 em relação ao ano de 2017. Ressalte-se que o crescente estudo sobre o tema se acentuou nesta última década, haja vista que, entre 1990 a 2000, a quantidade de publicações totalizava apenas 38 itens, enquanto na virada do milênio (2000 a 2010), houve um acréscimo considerável somando-se 165. Dessarte, um disparo exponencial ocorreu de 2011 a 2021 com o total de 1.196 artigos produzidos. Corroborando com isso, o número de artigos publicados no ano de 2022, 162, ratifica a constância desse crescimento.

4 AUTORES E CONTRIBUIÇÕES À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE A TEMÁTICA MEMÓRIA

Com o viés de introduzir algumas das reflexões sobre memória na Ciência da Informação, adiante, discutem-se as principais ideias dos autores citados, priorizando aqueles com o maior número de citações, considerando a pesquisa feita na base de dados da BRAPCI descrita previamente.

Maurice Halbwachs foi o mais citado nos artigos, com aproximadamente 46% de ocorrência, aparece em 53 das 114 publicações. Cabe destacar que, dos 21 autores pesquisados, apenas quatro não citam Halbwachs em seus trabalhos. O sociólogo francês cunhou o conceito de “memória coletiva” que contribuiu pioneiramente para a expansão do conceito de memória. Em sua teoria, o autor defende que o indivíduo está em harmonia com os que o circulam, de modo que as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nele se originam são constituídos pelas

influências sociais dos grupos a que este fez/faz parte. Nela, o sociólogo contrapõe a ideia de considerar somente a existência de uma memória individual corroborando para a ampliação da percepção acerca da função social da memória. Halbwachs (2006, p. 30) assevera que “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. Desse modo, a visão do autor sobre as memórias coletivas concerne às lembranças dos acontecimentos vivenciados pela maior parte dos múltiplos indivíduos do grupo, porém indissociáveis das memórias individuais, singular a cada indivíduo, sendo cada memória individual somente um ponto de vista sobre a memória coletiva (Halbwachs, 2006).

Dos dezessete autores que mencionam - em algum momento - Halbwachs em seus trabalhos, a maioria apenas tangencia o tema, apropriando-se do conceito de “memória coletiva” do autor para fundamentar suas inquições sobre diversas temáticas relacionadas à Informação, Documento e às Instituições de Memória (bibliotecas, arquivos e museus), abordando impreterivelmente a perspectiva social. Dito isto, ratifica-se que Halbwachs contribuiu de forma basilar nos estudos de memória na CI a partir do enfoque social.

Jacques Le Goff foi o segundo autor mais citado, tendo uma média de 43% de ocorrência, aparece em 49 das 114 publicações. Tal como Halbwachs, Le Goff não é citado por apenas quatro autores dos 21 pesquisados. Este é um dos pontos pelo qual ambos intelectuais, que versam sobre memória, são referências sobre o tema na Ciência da Informação. O intelectual francês distingue-se por ser um exímio analista dos conceitos de memória no domínio em que está inserido, na História. De acordo com Le Goff (2003, p.419), “a memória, propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Em linhas gerais, o autor entende que a memória corresponde ao acúmulo de informações guardadas pelos indivíduos no decorrer da vida. Esta se apresenta como experiência singular e intrínseca.

Nas acepções de Le Goff (2003), no que concerne à memória, o autor reserva a designação de memória coletiva para as sociedades sem escrita e traz a discussão conceitual entre documento e monumento, sendo estes materiais da história e da memória coletiva. Para o estudioso, uma história global advém da concepção de documento (aquele selecionado pelo historiador para escrever a história) enquanto

monumento (aquele que ratifica a perpetuação das sociedades históricas, sendo um legado à memória coletiva) (Le Goff, 2003). Essas noções sobre a memória no campo da História são úteis à CI, tanto para estudos que priorizam às questões relacionadas à Informação, como para aquelas cujo cerne incide sobre o Documento, e também as associadas às Instituições de Memória. Assim, aparecem como aportes teóricos utilizados com maior frequência nas pesquisas analisadas dos dezessete autores que referenciam Le Goff, legitimando a sua contribuição na CI.

Pierre Nora foi o terceiro autor com maior número de citações, o que corresponde a 96. Tal qual Le Goff, o também historiador francês discorre sobre Memória e História e as distingue conceitualmente. Para Nora (1993, p. 9), “A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. Na visão do intelectual, a memória é a existência dos acontecimentos ao passo que a história é a reconstrução do passado. Nessa argumentação entre história e memória, Nora ganha destaque pela elaboração do conceito de “lugares de memória”, tendo nestes a razão fundamental de cessar o tempo e de tolher o trabalho do esquecimento. Para o autor, os estudos de lugares de memória encontram-se na encruzilhada de dois movimentos: o Historiográfico, que corresponde ao retorno reflexivo da história sobre si mesma, e o Histórico, que equivale ao fim de uma tradição de memória. Na confluência destes movimentos aflora o sentimento do qual não há memória espontânea, sendo preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, assim, nascem os lugares de memória. Trata-se de “lugares que pertencem ao lugar de estatização da memória, e que coexistem nos aspectos material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos” (Nora, 1993, p. 21).

O conceito de “lugares de memória” de Nora é apropriado na Ciência da Informação, através de diálogos com a História, nas diversas discussões que englobam os temas Informação e Documento, utilizados especialmente em incidências de estudos que visam garantir a transmissão do conhecimento para as gerações vindouras. Isso pode ser constatado nos 39 artigos analisados em que o autor foi mencionado.

Aleida Assmann foi citada em 28 artigos e uma de suas contribuições, no que diz respeito à memória, concentra-se nos estudos sobre memória cultural, conceito elaborado pela teórica alemã e seu parceiro Jan Assmann para designar a memória que se mantém viva em uma sociedade transpondo gerações e épocas. Conforme

define a autora, a memória cultural “é constituída por indivíduos e culturas, estes constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e as organizam com o auxílio de mídias e práticas culturais” (Assmann, 2011, p. 24). Portanto, a teoria de Assmann disserta que a conexão de todas as culturas com cada um dos indivíduos que delas fazem parte faz com que estes consigam formar suas identidades através de legados simbólicos, materializados em estruturas mnemônicas (textos, monumentos, rituais, dentre outros) que possuem a potência de evocar significados ligados ao que passou.

O conceito de memória cultural de Assmann utilizado nos recentes estudos da área de CI debruçam-se sobre temáticas relacionadas a Instituições de Memória, em particular, arquivos e museus, nelas, destacam-se pesquisas associadas às boas práticas de mediação de conteúdos informacionais e culturais, outras estão associadas ao Patrimônio Cultural e Identidade.

Carlos Xavier de Azevedo Netto foi o quinto autor com o maior número de ocorrências, também tendo sido citado em 28 artigos. Em sua maioria, as citações estão ligadas aos trabalhos nos quais o autor aborda a memória a partir da sua relação com a Informação, sob o prisma da questão do Patrimônio Cultural. Para Azevedo Netto (2015, p. 156), a memória é definida como “aquele conjunto de eventos, fatos e personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto”. Tendo em vista esta noção de memória, construída a partir da esfera coletiva e referendada no reconhecimento dos patrimônios culturais recuperados, o autor integra os estudos da Ciência da Informação às questões do Patrimônio Cultural nas Problemáticas da Preservação e Construção da Memória Social, das Identidades, e dos Processos Patrimoniais.

Michael Pollak foi citado em número considerável de publicações, perfazendo um total de 67, estando bastante presente naqueles artigos que adotam uma abordagem da memória sob o viés da História. Para Pollak (1989, p. 7), a memória é entendida como “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento”. Diante dessa concepção, o sociólogo e historiador austríaco defende o fenômeno memória como um constructo social, portanto, basilar na constituição da identidade, sendo este fundamental para a interpretação e reinterpretação do passado em função dos

combates do presente e do futuro.

Icléia Thiesen também foi citada em número considerável de publicações, somando um total de 62, tendo como contribuição principal a reformulação do conceito de memória no âmbito da Ciência da Informação. Thiesen (1997), que se ocupa em sua tese da construção conceitual do termo memória institucional, “trabalha com o conceito de memória como ‘movimento de tempo’, sem utilizar adjetivações, associações ou extensões” (Oliveira, 2010, p. 105). De modo geral, o conceito de Memória Institucional identificado no estudo da autora é de uma memória concebida interna e externamente às instituições. Esta MI se encontra em frequente transformação, tendo em vista que ainda, “por mais paradoxal que possa parecer, precisa ser construída no tempo presente, o único de que se dispõe, já que o passado já passou, e o futuro está por vir, sendo a representação de uma trajetória social e histórica” (Thiesen, 1997, p. 147). Este conceito desenvolvido por Thiesen aparece com maior frequência nos trabalhos analisados que envolvem os estudos de gestão da informação e de gestão do conhecimento.

Vera Dodebei foi citada em 23 trabalhos, evidenciada em citações de artigos que abordam a virtualização da memória na Ciência da Informação brasileira. A autora, que atua na linha de pesquisa de Memória e Patrimônio, notabiliza-se por pôr em diálogo conceitos já consolidados em ambos os domínios com os dos domínios da comunicação e da informação, sob a perspectiva da mediação memorial e patrimonial de objetos/narrativas existentes em ambiente virtual. Os estudos no campo da memória de Dodebei versam em torno do conceito de memória social, entendendo que “a memória (quer seja coletiva, cultural ou social, mediada ou virtual) é uma abstração do pensamento e uma metáfora da suposição que fazemos de nossa memória individual” (Dodebei, 2005, p. 27-39). Desta noção, a autora desenvolve questões em torno dos conceitos de memória virtual, memória digital, memória no ciberespaço, compreendendo a memória como um estado sempre virtual.

Citada 50 vezes, Jô Gondar contribui nos artigos dos quais fora citada com algumas de suas pressuposições teóricas acerca do conceito de memória social. Para Gondar (2016), o conceito de memória social, interpelado em sua relação com o campo dos saberes e dos discursos, é polissêmico, visto que aloja uma multiplicidade de definições provenientes de diferentes perspectivas e discursos e também transdisciplinar, pois ainda que possa ser trabalhado por disciplinas diversas, é produzido nos atravessamentos entre diferentes campos de saber (Gondar, 2016), o

que o torna um conceito em movimento, ou melhor, em construção. Por outro lado, trabalhado na esfera da prática, é um conceito eminentemente ético e político, uma vez que “ele expressa um mundo possível, trazendo consequências para a vida que se leva e se pretende levar” (Gondar, 2016, p. 23). Nessa perspectiva, a memória torna-se um instrumento de transformação social.

Existem também autores citados em número menor, somando dezesseis ocorrências, de Paul Ricoeur e quatorze de Marta Lúcia Pomim Valentim. Além destes, veem-se onze publicações de Joel Candau, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, James P. Walsh e Gerardo Rivera Ungson; com dez ocorrências: Letícia Gorri Molina e Eliane Braga Oliveira; com nove, Georgete Medleg Rodrigues e Henri Bergson; com oito, José Maria Jardim, Ecléa Bosi e Márcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano; com sete, María-Manuela Moro-Cabero e Juliana Cardoso dos Santos; e com seis, Iván Izquierdo. Ademais, no recorte dos trabalhos analisados, outros oito autores foram citados quatro vezes; dezenove foram referenciados três, outros quarenta referidos duas vezes e 53 foram mencionados somente uma vez, motivo pelo qual não foram denominados nesta pesquisa.

Contudo, considerando os nove autores mais citados, é possível observar que seis deles pertencem a outras áreas: Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Aleida Assmann, Michael Pollak e Jô Gondar, ratificando as duas práticas de interdisciplinaridade classificadas por Pombo (2008), tanto a centrípeta, como é o caso em que conceitos como o de memória coletiva são importados de outras disciplinas; quanto a centrífuga, exemplificando, o caso de pesquisas sobre memória social, na qual a fundamentação teórica requer a abertura e o cruzamento com outras disciplinas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, a memória tem-se exposto como um dos paradigmas da Ciência da Informação brasileira. Por um lado, o tema tem emergido conduzindo discussões epistemológicas alicerçadas teórica e conceitualmente em outros domínios. Já por outro lado, tem se mostrado ligado às práticas profissionais estendendo as possibilidades de ações em ambientes de informação, sobretudo nas Instituições de Memória.

Com base nos dados obtidos na BRAPCI, verificou-se que, nos últimos cinco anos, o número de artigos sobre memória permaneceu em crescimento, se comparado ao mesmo período de tempo anterior ao analisado. Isto reflete a sua constância nas pesquisas da área e corrobora com a ideia de estabelecimento de um paradigma amparado por uma diversidade de abordagens que se desenvolvem a partir das formas adjetivadas, tais como memória coletiva, memória cultural, memória institucional, memória organizacional, memória social e as que surgem a partir da noção desta, a citar memória virtual, memória digital, e assim por diante.

Esse contínuo crescimento, tal como a pluralidade de abordagens dos estudos no Brasil, pode estar relacionado à vinculação dos autores com os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em CI, quando da elaboração e publicação dos artigos, assim como à forte atuação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, cuja abrangência contempla de modo significativo o fomento à pesquisa dedicada à temática por meio do seu Grupo de Trabalho, no caso, o GT-10: Informação e Memória, responsável por congrega pesquisadores interessados no tema, impulsionando mais pesquisas no campo.

A partir do que foi apresentado, assinala-se que a interdisciplinaridade da Ciência da Informação pode ser constatada pelas etapas que envolvem o seu processo de estabelecimento perante à apropriação de teorias e conceitos de outras áreas, colaborando para o entendimento de diversas particularidades do fenômeno informacional. Mediante esta pesquisa foi possível compreender que a memória concebe significativas contribuições à área interdisciplinar da Ciência da Informação, ampliando o leque de estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila A . A ciência da informação como ciência social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila . O que é Ciência da Informação? *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01-30, jan./abr. 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila.; VALENTIM, Marta. L. P. A Ciência da Informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. *Bibliotecas. Anales de investigación*. vol. 15 n. 2: 232-259. 2019.

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de (Org.). *Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

BORKO, Haroldo. Information Science: What is it? *American Documentation*, v.19, n.1, p. 3-5, Jan. 1968.

BUSH, Vannevar. As we may think. *Atlantic Monthly*, USA, v.176, n.1, p. 101-108, 1945.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 23, n. 2, 1994, p. 107-114.

CARMO, Juliana Rabelo do; KARPINSKI, Cezar; BRÄSCHER, Marisa. A relação entre a memória social e sociocognição: busca do contexto social na Organização do Conhecimento. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 65-85, jan./abr. 2018.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. *Perspectiva em Ciência da Informação*, v. 12, n.1, p. 148-207, jan/abr. 2007.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. p. 1-21.

COSTA NETO, Pedro Luiz de Oliveira. *Estatística*. São Paulo: Edgar Blücher, 1977. p. 43-45.

DODEBEI, Vera. Memória, Circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social*, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

ELLIOT, Ariluci Goes. Informação e memória: análise dos jornais raros de Juazeiro do Norte-CE. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. v. 13, n. esp. CBBDD 2017.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the sócio-cognitive perspective in information science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 53, n. 4, p. 257-70, 2002.

HJØRLAND, Bierger. Theoretical development of information science: a brief history. *Journal of Information Science*, 2015.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a New Horizon in Information Science: Domain-Analysis. *Journal of the American Society for Information Science*. v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 221 p.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, n. 10, p. 1-178, jul./dez, 1993.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. *O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação*. 2010. 194 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Eliane Braga de, RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. *Liinc em Revista*, v.7, n.1, mar. 2011, Rio de Janeiro, p. 311-328.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. *Ideação*, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. p.9-40, set. 2008.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectiva em Ciência da Informação*. 1:1, 1996. 41-62. 1996.

SILVA, Ana Pricila Celedonio da.; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; NUNES, Jefferson Veras. Informação e memória: aproximações teóricas e conceituais. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 23, n. 52, p. 95-106, maio/ago. 2018. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2018v23n52p95.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; KARPINSKI, Cezar. O conceito de memória nos anais do capítulo da International Society for Knowledge Organization ISKO-Brasil sob uma perspectiva epistemológica. *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação*, ISSN 1983-5213, Brasília, v. 12, n. 2, p. 294-309, maio.ago. 2019. DOI: 10.26512/rici.v12.n2.2019.8732.

THIESEN, Icleia. *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1997.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).